

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, resistência e diferenciação social [recurso eletrônico] /
Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta
Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-203-6

DOI 10.22533/at.ed.036192803

1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural.
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha da sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de

novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

No artigo *A comunidade dos Arturos: existir, resistir, sobrevir*, as autoras, Elenice Martins Barros Castro e Edilene Dias Matos buscam difundir-las, através de festas, ritos e outras manifestações. Nos momentos festivos, sua história é contada por cantos, danças, ritmos dos tambores e dos rituais, que transmitem um legado secular. No artigo **A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCASIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ**, a autora Francisca Thamires Lima de Sousa, busca identificar e analisar as principais implicações socioculturais ocasionadas aos quilombolas que residem na agrovila de Marudá desde a implantação do Centro de Lançamento e as principais transformações espaciais. No artigo **ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO**, a autora ÉLIDA LIMA pretende instigar brevemente a crítica de algumas formas pelas quais efeitos teóricos e afetos cotidianos da branquitude têm suscitado enfrentamentos e transformações no movimento de mulheres brasileiras nos últimos anos, em especial na experiência feminista interseccional. No artigo **AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL**, os autores Liliane da Silva Santos e Diogo Francisco Cruz Monteiro examinam documentos sobre os direitos garantidos aos índios na Constituição de 1988 e averiguar as posições dos juristas sobre a PEC 215 e a tese do marco temporal. Realizamos revisão de literatura, análises de legislações indigenistas, das decisões tomadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) sobre as demarcações de terras indígenas. No artigo **BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA**: contribuições para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, o autor Valcir Bispo Santos busca apresentar alguns elementos que possam contribuir para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, maior cidade da Amazônia Oriental brasileira. A ideia básica é que a elaboração deste plano pode se sustentar em três (3) diretrizes fundamentais: Participação Social, Criatividade e Diversidade Cultural. No artigo **CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS**, os autores Aurionelia Reis Baldez Joice de Oliveira Faria identificar como vem sendo pensada a salvaguarda das culturas populares através do corpo que dança, apontando limiares entre espetacularização nas rodas da cultura e a realidade vivida nas estruturas de poder capitalista. Guiaremos nossa cartografia poética tendo o samba de roda como principal fonte de observação para pensar corpos privados e corpos políticos. A partir das reflexões feitas por Stuart Hall (2013). No artigo **CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS**, os autores, Juliano Batista dos Santos, Jordan Antonio de Souza, José Serafim Bertoloto buscam realizar uma análise teórico-reflexiva sobre a forma como a Antropologia, a Semiótica da Cultura e os Estudos Culturais abordam, estudam e interpretam a cultura. O propósito, todavia, não está reduzido ao entendimento da identidade de cada uma dessas ciências. **DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA** os

autores João Luiz Pereira Domingues, Leandro de Paula Santos, Mariana de Oliveira Silva buscam diagnosticar variações narrativas que forjam novos parâmetros de legitimidade para o tratamento da cultura em nível federal em um processo que se organiza sob dois atos discursivos, nomeados ato fóbico e ato mágico pós-político. No artigo **DO EXCESSO DE IMAGENS AO ESVAZIAMENTO DA MENTE**, a autora Sophia Mídián Bagues dos Santos busca aproximar a teoria semiótica de Peirce da filosofia budista tibetana, partindo da compreensão da contemporaneidade como um fabuloso sistema de signos que nos aprisiona ao Samsara, conceito oriental que pode ser entendido, em última instância, como a civilização da imagem. No artigo **MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR**, o autor Miguel Bonumá Brunet analisa três concepções sobre o conceito de cultura popular, visando a compreendê-las sob a perspectiva da sociologia compreensiva, buscando delinear tipos-ideais balizados nos sentidos intentados pelos atores sociais que praticam ações de produção, difusão e fruição cultural. No artigo **O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO** a autora ALDA FÁTIMA DE SOUZA trata da associação dos diversos e atuais estudos sobre a emissão vocal, que nos permite direcionar nossa voz para a fala ou o canto, com a pesquisa de doutorado em andamento “Reprises Circenses: as bases fundantes e históricas evidentes nos circos brasileiros”. No artigo **O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO**, os autores Amanda Souza Ávila Lobo Auterives Maciel Jr. Milene de Cássia Silveira Gusmão buscam pontuar como o cinema marginal traz um pensamento nômade de máquina de guerra, na medida em que se utiliza de signos que fogem ou que fazem fugir o império dos modelos maiores, entrando em relação com outros domínios moleculares de sensibilidade que transgridem ou propõem transvalorar os valores. No artigo **TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**, os autores Liana Barcelos Porto e Adival José Reinert Junior buscam compreender como o patrimônio cultural e religioso vem sendo trabalhado nas escolas da sede da rede municipal da Cidade de Canguçu RS (Canguçu tem 33 escolas municipais, 6 localizadas na cidade e 27 no interior do município). **TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL**, os autores Allan Hoffmann, Nadja de Carvalho Lamas, Euler Renato Westphal buscam discutir sobre o campo do Patrimônio, principalmente nas categorias de patrimônio cultural, aplicados em um experimento educacional e instalação de Arte&Ciência Trilha da Vida presente na paisagem cultural do bairro da Limeira em Camboriú/SC. No artigo **ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”**, a autora Natacha Muriel López Gallucci, busca discutir e teorizar aspectos éticos da investigação audiovisual na fronteira entre o filme documentário e o denominado “ensaio fílmico” tomando como objeto de reflexão o processo de pesquisa empírica, registro imagético, edição e exibição do curta-metragem Filosofias do corpo no Cariri cearense (2018). No artigo **Cultura, Resistencia e Diferenciação Social**, os autores, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Heitor Messias Reimão de Melo, Paulo Rennes Marçal Ribeiro,

buscam analisar na obra Freud, em O mal-estar da civilização, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A COMUNIDADE DOS ARTUROS: EXISTIR, RESISTIR, SOBREVIR	
<i>Elenice Martins Barros Castro</i>	
<i>Edilene Dias Matos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928031	
CAPÍTULO 2	12
A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCASIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ	
<i>Francisca Thamires Lima de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928032	
CAPÍTULO 3	26
ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO	
<i>Élida Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928033	
CAPÍTULO 4	34
AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL	
<i>Liliane da Silva Santos</i>	
<i>Diogo Francisco Cruz Monteiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928034	
CAPÍTULO 5	48
BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DO PLANO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELÉM	
<i>Valcir Bispo Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928035	
CAPÍTULO 6	66
CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS	
<i>Aurionelia Reis Baldez</i>	
<i>Joice de Oliveira Faria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928036	
CAPÍTULO 7	75
CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS	
<i>Juliano Batista dos Santos</i>	
<i>Jordan Antonio de Souza</i>	
<i>José Serafim Bertoloto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928037	

CAPÍTULO 8	91
DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA	
<i>João Luiz Pereira Domingues</i>	
<i>Leandro de Paula Santos</i>	
<i>Mariana de Oliveira Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928038	
CAPÍTULO 9	106
DO EXCESSO DE IMAGENS AO Esvaziamento da Mente	
<i>Sophia Mídan Bagues dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928039	
CAPÍTULO 10	115
MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR	
<i>Miguel Bonumá Brunet</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280310	
CAPÍTULO 11	130
O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO	
<i>Alda Fátima de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280311	
CAPÍTULO 12	138
O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO	
<i>Amanda Souza Ávila Lobo</i>	
<i>Auterives Maciel Jr</i>	
<i>Milene de Cássia Silveira Gusmão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280312	
CAPÍTULO 13	148
TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	
<i>Liana Barcelos Porto</i>	
<i>Adival José Reinert Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280313	
CAPÍTULO 14	155
TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL	
<i>Allan Hoffmann</i>	
<i>Nadja de Carvalho Lamas</i>	
<i>Euler Renato Westphal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280314	
CAPÍTULO 15	166
ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”	
<i>Natacha Muriel López Gallucci</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280315	

CAPÍTULO 16 183

UMA PROPOSTA DE LEITURA DISCURSIVA: RESISTÊNCIA E DIFERENCIAÇÃO SOCIAL

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Heitor Messias Reimão de Melo

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.03619280316

SOBRE A ORGANIZADORA..... 194

DO EXCESSO DE IMAGENS AO Esvaziamento da mente

Sophia Mídián Bagues dos Santos

Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV
Salvador – Bahia

RESUMO: Esse artigo tenta aproximar a teoria semiótica de Peirce da filosofia budista tibetana, partindo da compreensão da contemporaneidade como um fabuloso sistema de signos que nos aprisiona ao Samsara, conceito oriental que pode ser entendido, em última instância, como a civilização da imagem. O império dos signos e no que eles influenciam para um modo de estar no mundo mediado pela sua co-existência cria a sociedade do espetáculo. A invenção de um mundo, a partir da identificação da mente com as imagens e representações de uma contemporaneidade cada vez mais capturada por tudo que nos rodeia, afinal, o signo está em tudo é o que nos provoca a análise. Pela percepção das coisas também se gera alterações de efeito. Através da estética, a lógica provoca emoções e vincula cada vez mais o sujeito ao enredamento da existência mediada, onde o acesso à consciência iluminada seria resultado do treinamento da mente para se ater à primeiridade, mantida no tempo presente, o que poderia ser lido, no pensamento budista como a vacuidade. O que é anterior à percepção, a essência da mente; a ausência de existência inerente do eu e dos

fenômenos. Segundo ensinamentos do Buda, qualquer experiência é uma aparência que surge da infinita possibilidade da vacuidade. Assim como surgem – por efeito dos três níveis de compreensão, em Peirce: o das puras qualidades, o do reconhecimento das coisas e o da elaboração em ideia – é possível que se esvaiam, através do senso de abertura vivenciado quando se repousa a mente no aqui e agora.

PALAVRAS-CHAVE: Imagens, Indústria Cultural, Mente, Budismo, Signo

ABSTRACT: This article attempts to approximate Peirce's semiotic theory of Tibetan Buddhist philosophy, starting from the understanding of contemporaneity as a fabulous system of signs that imprisons us to Samsara, an oriental concept that can be understood, ultimately, as the civilization of the image. The empire of signs and in what they influence to a way of being in the world mediated by their co-existence creates the society of the spectacle. The invention of a world, from the identification of the mind with the images and representations of a contemporaneity increasingly captured by everything around us, after all, the sign is in everything is what provokes us the analysis. Perception of things also produces changes in effect. Through aesthetics, logic provokes emotions and binds the subject more and more

to the entanglement of mediated existence, where access to enlightened consciousness would result from the training of the mind to stick to the primeness, maintained in the present tense, which could be read, in Buddhist thought as emptiness. What is prior to perception, the essence of mind; the absence of inherent existence of self and phenomena. According to Buddha's teachings, any experience is an appearance that arises from the infinite possibility of emptiness. Just as they arise-as a result of the three levels of understanding in Peirce: that of pure qualities, that of recognition of things, and of elaboration into idea-it is possible to escape through the sense of openness experienced when the mind rests in the here and now.

KEYWORDS: Images, Cultural Industry, Mind, Buddhism, Sign

Do excesso de imagens ao esvaziamento da mente, aquela que dá significado e armazena o visto, cujo signo é o elemento crucial na produção de ideias é o percurso que esboço nesses escritos. Tento aqui compor uma tessitura de considerações a respeito da necessidade de *resetar* a mente e atravessar os significados. Estacionar os pensamentos e se dissuadir de uma herança cultural abrasadora.

Ser prisioneiro das próprias percepções, na contemporaneidade, se apresenta como uma submissão aos inúmeros estímulos que configuram a chamada Sociedade do Espetáculo, onde reina as modernas condições de produção e em que tudo o que era diretamente vivido passa a ser tangido por uma relação social baseada em imagens, signos que são o princípio e o fim de sua disseminação infinita. "O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens." (DEBORD, 2006, 3).

O espetáculo tem por habilidade fazer ver por diferentes meios o mundo que não é diretamente apreensível. O excesso de imagens embaralham as referências se tornando um beco sem saída. Para onde se queira escapar, múltiplas linguagens se interpõem como sistemas sociais e históricos de representação do mundo. (SANTAELLA, 2007)

Para compreender essa necessidade de restituir o olhar original sobre a vida, desacorrentada dos conceitos, trago contribuições da sabedoria budista¹, que dialogam com a Teoria dos Signos de Peirce, indo além da sua compreensão sobre os estados de fecundação da falsa consciência, que no terceiro nível produz os conceitos, pensamentos, representações, linguagens. Na filosofia budista tais acontecimentos seriam decorrentes do que é chamado de três esferas, campo de atuação da experiência do sujeito com o objeto, resumido pelo lama Chagdud Tulku

¹ "Hoje, o vigoroso diálogo entre praticantes dessa antiga ciência interior e cientistas modernos floresceu em uma colaboração ativa. Essa parceria de trabalho foi catalisada pelo Dalai Lama e pelo *Mind and Life Institute* que por vários anos reuniram budistas e acadêmicos em discussões com cientistas modernos. O que começou como conversas exploratórias evoluiu para um esforço conjunto para pesquisas posteriores. Como resultado, especialistas da ciência mental budista têm trabalhado com neurocientistas para elaborar e conduzir pesquisas que documentarão o impacto neural desses vários treinamentos mentais". (RINPOCHE, 2007,14)

Rinpoche, que viveu no Brasil, assim:

As cinco primeiras das seis perfeições funcionam em um contexto de relação sujeito-objeto. No caso da generosidade, por exemplo, falamos do sujeito, a pessoa que dá; do objeto, a pessoa a quem algo é dado; e do ato de dar. O sujeito, o objeto e a ação que se passa entre eles são chamados de “as três esferas”. A crença na solidez das três esferas constitui o campo da verdade relativa. A realidade possui dois aspectos: realidade última ou verdade absoluta — as coisas tal como são em si mesmas — e realidade relativa ou verdade relativa — as coisas tal como parecem ser no nível convencional. O termo tibetano para verdade relativa é composto de *kun*, que significa “tudo” ou “muitos, e *dzob*, aquilo que não é verdadeiro”. Portanto, *kundzob* denota a manifestação de inumeráveis fenômenos que parecem ser algo que, de fato, não são. Como crianças correndo atrás de um arco-íris, tratamos as manifestações oníricas das aparências como se fossem substanciais e palpáveis. Entretanto nada nessas aparências é permanente. (RINPOCHE, 1996, 159)

“Pura, imutável, não composta e onipresente – essa é a natureza da nossa própria mente” (RINPOCHE, 1996, 182). Embora as aparências surjam incessantemente, nada, na verdade, está presente — emprestamos solidez e realidade à verdade aparente do ‘eu’, do ‘outro’ e das ‘ações’ que ocorrem entre ‘eu’ e ‘outro’. Esse obscurecimento intelectual é a origem do apego e da aversão” (RINPOCHE, 1996, 181) e transcende a própria linguagem, sugerindo a co-existência de uma verdade absoluta - pura vacuidade, sem conceitos – e as múltiplas realidades. Na vacuidade, não há produção de imagens, nem capturas, nem pontos de vistas e dicotomias. A essência da mente é vacuidade, onde se tem o acesso direto ao presente, sem ansiedade e medo, sem a mediação das imagens que nos elaboram desde sempre.

“Tomamos os eventos do cotidiano como sendo verdadeiros”. (RINPOCHE, 1996, 40). Essa afirmação do monge Rinpoche, que considera a impermanência, de acordo com a tradição tibetana, a característica fundamental do mundo sansárico, pode ser comparado ao modo como Peirce reconhece o segundo aspecto da percepção dos signos, o que está entre a vacuidade e o sentido, o estado de transição, na qual o imbricamento entre a mente e o que se dispõe diante dela acontece, no contágio que gera percepções externas, a origem do pertencimento ao mundo sensível, o campo de ação da verdade relativa.

Há um mundo real, reativo, um mundo sensual, independente do pensamento e, no entanto, pensável, que se caracteriza pela secundidade. Esta é a categoria que a aspereza e o revirar da vida tornam mais familiarmente proeminente. É a arena da existência cotidiana. Estamos continuamente esbarrando em fatos que nos são externos, tropeçando em obstáculos, coisas reais, factivas que não cedem ao mero sabor de nossas fantasias. (SANTAELA, 2007, 30)

É nesse campo de sensações, que figura o ramo da filosofia estética, nascida enquanto fundação de uma ciência das coisas sensíveis *epistemé aisthethiké*, que reunia em si os domínios da arte, da beleza e da sensibilidade. Através dos sentidos, ocorre a apreensão do mundo. Mas de que mundo estamos falando? Essa apreensão é também o que nos prende a esse nível de percepção, onde o passado e o futuro

existem como registro feito ou por fazer na lâmina fotográfica das sensações que fornecem os elementos para entender o estar no mundo como código.

Esse nível de estar no mundo, “prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser”(DEBORD, 1997). É também o mundo que aprisiona o sujeito a uma maneira de ver fundada em dicotomias, silogismos, conceitos, é o próprio universo da academia. “Quer essas aparências tragam alegria ou tristeza [...] não são confiáveis, permanentes e nem inerentemente verdadeiras. No entanto, não podemos negar nossa experiência de sua manifestação incessante”(RINPOCHE, 2003,47).

A missão é ruir o antigo sistema de crenças de uma tradição que considera o mundo, o resultado das relações interpessoais, da cultura, das posses e da subjetividade: a visão ocidental de existir. No Budismo esses elementos compõem o samsara, do qual é possível se libertar.

“O samsara não é um lugar – por exemplo, o nosso mundo. É uma maneira de ser prisioneiro das próprias percepções. Há quem diga que, se traçarmos no chão um círculo ao redor de um peru, o animal pensará que está preso e se deixará morrer de fome, sem jamais tentar atravessar o círculo”. (PALDRON, 2003, 80).

Uma espantosa tarefa de esquecer tudo o que fora, vera, sentira para se retirar do mundo visível, lugar que tomou conta da vivência em sociedade. Aproveitar, na tarefa de entender o processo de construção de si, do outro, do mundo mediado pelos signos – presentes em toda e qualquer linguagem – para compreender a necessidade de apagar da memória o que foi introjetado pelas vastas experiências, leituras, relações; mais recentemente, pelo *mass media*, desde a era da reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 1936).

Desde Platão, a imagem sempre intrigou e se somou à face, tornando tudo imagem em suas várias formas de aparição, das sombras nas cavernas aos rituais fúnebres, às capelas cistinas, às capas de revista, à tela do cinema, à tampa da garrafa. Sua definição, de diversos modos se encontra, assim como diferentes são as abordagens teóricas que tentam dar conta de seu universo, usos, criação, memória, história, arte, existir. Um modo de vida se alterou, o regime do visível trouxe à tona um mundo mediado A imagem funciona como uma mediação efetiva. Como é possível? Por que a imagem de uma fonte não sacie a nossa sede, nem o fogo nos aquece? (DEBREY, 1993)

O olho que vê inventa a si mesmo como extensão de tudo que notou e sentiu e ouviu e no fim é uma imagem, uma espécie de signo, geradora de crenças. O império de uma vivência no mundo que se constrói pelo elo de imagens, desde a propaganda até as representações e construções significantes de qualquer ordem, que orientam e compõem o escopo do modo de compreensão do entorno.

Desde então, a imagem não é só uma simples imagem, mas contém a presença do duplo do ser representado e permite, por seu intermédio, agir sobre esse ser;

é esta ação que é propriamente mágica: rito de evocação pela imagem, rito de invocação à imagem, rito de possessão sobre a imagem (enfeitiçamento). (MORIN, 1988, 98-99).

Quer se reivindique um estar no mundo livre de amarras ou se viva seguindo a marcha que repete os movimentos embutidos nas grandes expressões midiáticas e produção de informação², temos, segundo estudos do criador da Semiótica, o grande cientista multifacetado Peirce³, três etapas na elaboração do signo:

Primeiridade é a categoria que dá à experiência sua qualidade distintiva, seu frescor, originalidade irrepitível e liberdade. Não a liberdade em relação a uma determinação física, pois que isso seria uma proposição metafísica, mas liberdade em relação a qualquer elemento segundo. O azul de um certo céu, sem o céu, a mera e simples qualidade do azul, que poderia também estar nos seus olhos, só o azul, é aquilo que é tal qual é, independente de qualquer outra coisa. Mas, ao mesmo tempo, primeiridade é um componente do segundo. Secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei. Finalmente, terceiridade, que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo. Por exemplo: o azul, simples e positivo azul, é um primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encarna o azul, é um segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva — o azul no céu, ou o azul do céu —, é um terceiro. (SANTAELLA, 2007, 43).

O excesso de imagens na articulação do que se é com o que se aprendeu a ser, mediante o império de sugestões que nos assola, sociedade para além do espetáculo, nos impede de experienciar o estado de Nirvana, no qual é preciso estar desapegado dos bens e emoções.

As aparências fenomênicas são ilusórias. Perdidos no labirinto de nossa experiência devido ao hábito e treinamento, a maioria de nós acredita que eles são verdadeiros, da mesma forma que acreditamos que os acontecimentos em um sonho são verdadeiros. Em nosso envolvimento total com a realidade comum, investimos as coisas de uma verdade e permanência que elas não possuem. Quando o fazemos, as circunstâncias tomam-se mais complexas, e o sofrimento, mais profundo. Estamos presos no samsara, como moscas em um mata-moscas, incapazes de descobrir nossa verdadeira natureza, a fonte da realização. (RINPOCHE, 1996, 59)

A imagem gera emoção que nos prende ainda mais ao Samsara. A emoção como reflexo das sensações de todas as ordens que nos chegam pelos sentidos, capturadas de forma esplêndida pelos produtos culturais, transbordantes de imagens e sons, signos repletos de discursos e recheios que nos absorvem ou são absorvidos

2 “Se a base daquilo que entendemos por cultura reside na ação de *in+ formar*, então não é paradoxal que o excesso de informação nos conduza à desagregação do sentido?” (FLUSSER, 2013, 14).

3 “Desde criança, o pequeno Charles já conduzia sua existência num ambiente de acentuada respiração intelectual. É por isso que químico ele já era, desde os seis anos de idade. Aos 11 anos escreveu uma História da Química (...). Peirce era também matemático, físico, astrônomo, além de ter realizado contribuições importantes no campo da Geodésia, Metrologia e Espectroscopia. Era ainda um estudioso dos mais sérios tanto da Biologia quanto da Geologia, assim como fez, quando jovem, estudos intensivos de classificação zoológica sob a direção de Agassiz. (SANTAELLA, 83, 2007).

pela mente, enclausurando-nos ainda mais e mais no mundo da verdade relativa.

Do dia em que nascemos até o dia em que morremos, nossa experiência de vida é uma verdade relativa em constante mudança, que consideramos bastante real. Ela não é, entretanto, nem real nem permanente, de modo absoluto. Isso é muito importante que seja entendido. Quando despertamos do nosso sonho da vida, não há posses, nem relacionamentos, nem dramas emocionais. Todas as nossas experiências que pareciam verdadeiras, não eram realmente verdadeiras, no sentido absoluto [...] Tudo em nossa realidade é apenas uma série de imagens de sonho, às quais imprimimos verdade e significado pelo fato de estarmos tão envolvidos com elas. Nossa experiência é produto do nosso engano fundamental (RINPOCHE, 1994, 17).

O que se chama de obscurecimento da mente, esse engano fundamental, no budismo, poderíamos reconhecer como identificação plena. A grande mídia, em suas coberturas sensacionalistas reforçam de modo cinematográfico as nossas razões para acreditar ainda mais em uma forma de ver o mundo fundada em discursos inflamados, afirmações categóricas, mediações e atestações de que o samsara nada mais é do que o nosso próprio mundo.

Da mesma forma que uma pessoa com icterícia vê uma montanha nevada como sendo amarela, devido aos nossos obscurecimentos, não vemos as coisas de forma pura. Essa percepção impura tornou-se um hábito profundamente enraizado (RINPOCHE, 1996, 182)

Segundo Peirce, nada há na consciência senão estados mutáveis, fora de qualquer captura, além das dualidades, conceitos e dicotomias. A consciência se encontra em estado de impermanência constante, devido às interferências internas, do nosso mundo interior; e externas, as forças objetivas que atuam sobre nós.

Essas forças vão desde o nível das percepções que, pelo simples fato de estarmos vivos, nos inundam a todo instante, até o nível das relações interpessoais, intersubjetivas, ou seja, as relações de amizade, vizinhança, amor, ódio etc., encontrando ainda as forças sociais que atuam sobre nós: as condições reais de nossa existência social, isto é, as relações formais de classes sociais que variam de acordo com as determinações históricas das sociedades em que se vive. (SANTAELA, 2007, 27)

Para o pai da Semiótica, se fosse possível parar a consciência no instante presente, ela teria a pura qualidade de ser e de sentir. (Ibidem, 2007). Esse seria o estágio da primeiridade, que, em uma associação entre o pensamento oriental e ocidental, poderia ser equivalente à vacuidade, tradução aproximada do termo sânscrito shunyata, de shunya, que quer dizer “zero”, e do tibetano tongpa-nyi, onde tongpa significa “vazio”, não como vácuo ou espaço vazio, mas tornando a experiência além da nossa capacidade de perceber com os sentidos ou conceitos. (RINPOCHE, 2013)

É preciso que haja um espaço, na vida cotidiana, para que se possa chegar a si. Primeiro, devemos reconhecer o quanto nossas crenças e pontos de vista a respeito de tudo, nossos julgamentos e percepções nos mantêm cada vez mais atados

ao lugar de constantes dúvidas existenciais e alienações. “O que consideramos ser nossa identidade – minha mente, meu corpo, meu ser, -, é, na verdade, uma ilusão gerada pelo contínuo fluxo de pensamentos, emoções, sensações e percepções” (RINPOCHE, 2007, 43).

Pelo fato de não reconhecermos essa natureza — não nos darmos conta de que, embora as aparências surjam incessantemente, nada, na verdade, está presente — emprestamos solidez e realidade à verdade aparente do “eu”, do “outro” e das “ações” que ocorrem entre “eu” e “outro”. Esse obscurecimento intelectual é a origem do apego e da aversão, seguidos de ações e reações que criam carma, que solidificam-se em hábitos e perpetuam os ciclos de sofrimento. Esse processo todo é que precisa ser purificado. (RINPOCHE, 1996, 181)

Não é à toa que cada vez mais se proliferam chamadas para retiros espirituais, onde se reúnem os mais diversos tipos de sujeitos, nas mais variadas faixas etárias, unidos pela necessidade premente de superar os *stress* do cotidiano, fruto do apego aos acontecimentos. Impelidos pelo desejo de desamararrar os fios que prendem a mente ao mundo reativo, os buscadores de si se dividem na procura por técnicas que vão do *yôga*, ao *tai chi chuan* e não perdem a transmissão ao vivo de algum monge famoso em visita ao ocidente.

Cada vez mais são lançadas publicações de revistas com foco em temas como autoconhecimento e vida simples – com adesão a um modo de subsistir onde se tenha menos gastos supérfluos, mais alimentos crus e tempo dilatado, em que o ritmo frenético das imagens cessam e o som incômodo de buzinas e todo tipo de barulhos e ruídos são substituídos pelo canto dos passarinhos e o assóvio do vento.

As ideias e crenças, por sua vez, têm promessa de serem deletadas da mente de modo radical, com práticas de “acesso à consciência”. O excesso de estímulos na sociedade do espetáculo nos afasta do estado da mente vazia, expandida, sem tantos signos para decomporem, sem traumas, sem anseios e expectativas. Desabar um mundo construído por imagens para acessar o ser. Reconhecer as correntes no modo de ver o mundo, intermediado pelas referências culturais é a tarefa para se chegar à vacuidade, onde nem as palavras existem. “A forma é vacuidade: a vacuidade é forma. A forma não é outra coisa que não a vacuidade. A vacuidade não é outra que não a forma. Da mesma maneira sensações, percepções, conceitos, formações mentais e consciências são vazios”.⁴

Medita assim: Todos estes fenômenos aparentes são ilusórios em sua natureza, por mais que pareçam reais. Todas as substâncias são falsas e carentes de verdade (...) são como sonhos, como ilusões, como ecos (...) como espelhamentos, como imagens, como ilusões óticas, como a lua na água; não são reais nem por um momento (...) Todas as substâncias são minha própria mente e minha mente é vacuidade, sem princípio, nem fim, sem obstrução. (FREMANTLE, 2000, 149,

⁴ Trecho extraído do Sutra do Coração, *texto tibetano copiado de afresco em Guedje Tchermaling, um dos templos do glorioso Samye Vihara. Sob o patrocínio real do Rei Trisong Deutsen, no século VIII, o tradutor tibetano (lotsaua) Bhiksu Rintchen De traduziu no juntamente com o mestre indiano (pandita) Vimalamitra. Foi editado pelos grandes tradutores tibetanos (lotsauas) Guelo, Namka e outros.* Letra e mp3 <http://www.dharmanet.com.br/prajna/tibetano.htm>

Também na fenomenologia, como relembra Mikel Dufrenne, “Husserl nos propõe suspender (...), nossa crença ingênua na realidade do mundo” (DUFRENNE, 188, 2015) e propõe um “retorno à origem ou ao imediato, à relação mais primitiva do homem e do mundo (...) a coisa tal que se propõe ao homem antes que um pensamento objetivante a mantenha à distância e procure reduzir e explicá-la”. (Ibidem, 189, 2015). Esse lugar de primeiridade, o estado anterior à conceituação, imune à crenças e traumas, surge de estados de uma mente treinada por meditação, com suas *técnicas capazes de propiciar a quietação dos pensamentos, ferramentas como mindfulness*⁶, que leva o praticante a vivenciar o momento presente, sem se ater ao passado ou ao futuro, até propostas que prometem deletar arquivos mentais de 5000 anos, como o procedimento do Barra Access são cada vez mais procuradas para “permitir a mente repousar em sua verdadeira natureza” (RIPOCHE, 1996, 179).

REFERÊNCIAS

- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro. Ed. Contraponto, 1997.
- DEFRENNE, Mikel. **Estética e Filosofia**. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2015.
- FREMANTLE, F. & CHÖGYAM TRUNGPA. **The Tibetan Book of the Dead**. Boston: Shambhala, 1975.
- FLUSSER, V. **O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac & Naif, 2013.
- MCLEOD, M. **The Best Buddhist Writing**. Massashusetts Ed. Shambala Sun, 2013.
- RINPOCHE, C. T. **Portões da prática Budista**. Três Coroas. Ed. Makara, 2013.
- RINPOCHE, M. **A Alegria de Viver**. Rio de Janeiro. Ed. Elsevier, 2007.
- PALDRON, T. **A arte da vida**. São Paulo. Ed. Ground, 2003.
- SANTAELLA, L. **O que semiótica?** São Paulo. Ed. Brasiliense, 2007.

5 Medita así: todos estos fenómenos aparentes son ilusorios en su naturaleza. Por mucho que aparezcan no son reales. Todas las sustancias son falsas y carentes de verdad [...] son como sueños, como ilusiones, como ecos [...] como espejismos, como imágenes, como ilusiones ópticas, como la luna en el agua; no son reales ni por un momento [...] Todas las sustancias son mi propia mente y mi mente es vacuidad, sin principio ni fin, sin obstrucción

6 “Kabat-Zinn (1990) define *mindfulness* como uma forma específica de atenção plena – concentração no momento atual, intencional, e sem julgamento. Concentrar-se no momento atual significa estar em contato com o presente e não estar envolvido com lembranças ou com pensamentos sobre o futuro. Considerando que as pessoas funcionam muito num modo que o autor chama de piloto automático, a intenção da prática de *mindfulness* seria exatamente trazer a atenção plena para a ação”. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872006000100004. Acesso em 02 de abril de 2018

VANDENBERGHE; SOUSA. *Mindfulness* nas terapias cognitivas e comportamentais. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872006000100004>. Acesso em: 10 janeiro de 2018.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-203-6



9 788572 472036